

**O que conseguirias aguentar
para defender aquilo em que acreditas?**



Catarina C. Branco

Aviso de Conteúdo

Este livro contém cenas que podem ser consideradas perturbadoras, incluindo descrições de abuso físico e sexual.

Título Original: Escolho Ser Eu
Autora: Catarina C. Branco
Copyright © Catarina C. Branco
Copyright © Editora Nova Geração

Coordenação Editorial: Tânia Roberto
Edição: Tânia Roberto
Revisão: Catarina Alves

Coordenação de Marketing: Iara Andrade
Design Interior/Diagramação: Tânia Roberto/Catarina C. Branco
Design de Capa: Tânia Roberto e Catarina C. Branco
Imagem de Capa: Canva
Marketeer: Ana Margarida Caçador

1ª Edição: julho de 2023
2ª Edição: julho de 2024
Acabamento/Impressão: Ulzama - Gráfica

© 2024

Todos os direitos reservados.

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra sem prévia autorização.

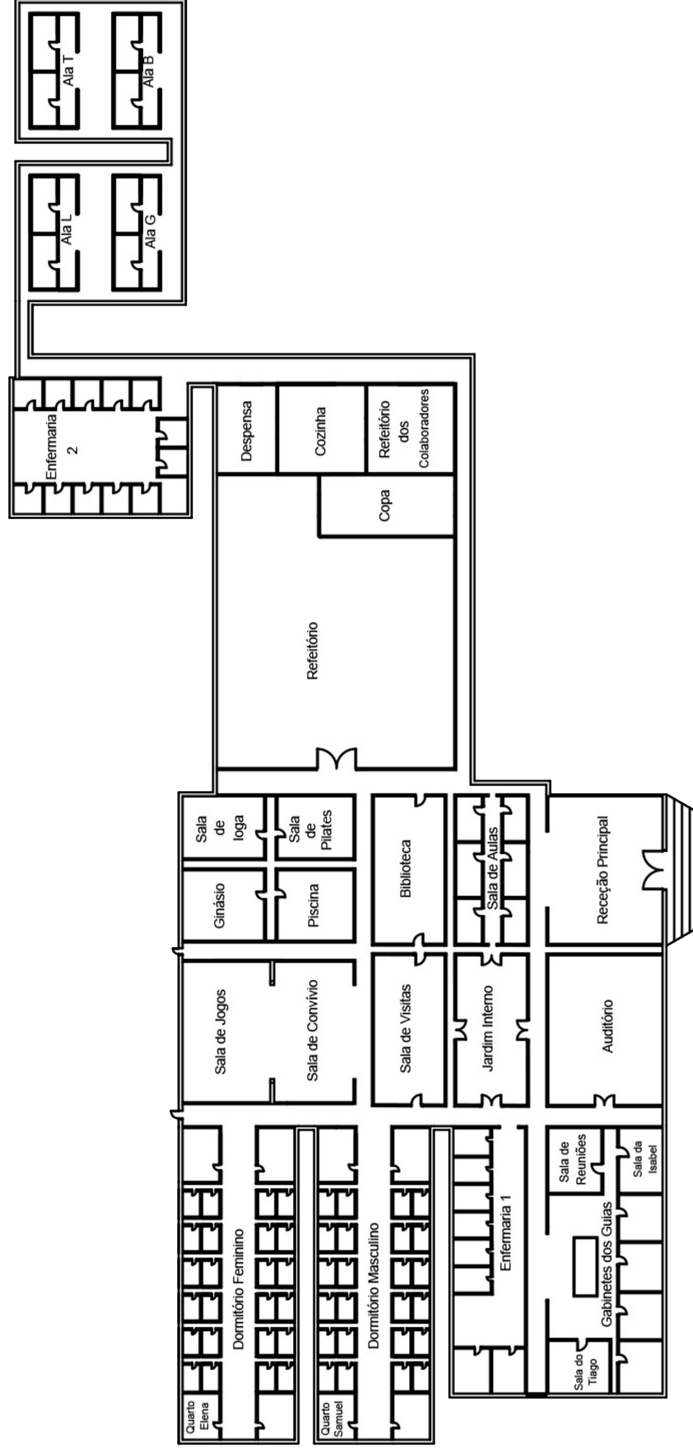
Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens ou acontecimentos são fruto da imaginação da autora ou usados de forma fictícia e qualquer semelhança com pessoas e acontecimentos reais é mera coincidência.

[Instagram.com/editoranovageracao](https://www.instagram.com/editoranovageracao)
[Facebook.com/editoranovageracao](https://www.facebook.com/editoranovageracao)

ISBN: 978-989-9166-65-3
Depósito Legal: 534345/24

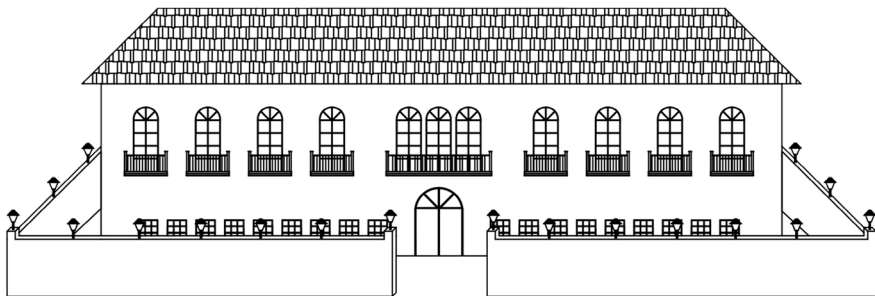


*Àqueles que tiveram coragem de serem eles próprios,
mas sobretudo aos que ainda lutam para se libertarem do preconceito.*



AS MÚSICAS DO LIVRO ESCOLHO SER EU





Capítulo 1

A maioria dos jovens da minha idade espera ansiosamente pelo fim de semana. É compreensível, podem fazer quase tudo o que pretendem. Comigo as coisas não são bem assim. Durante o fim de semana, sou atolada de explicadores para fazer os trabalhos da escola e rever a matéria daquela semana. Não obstante, a minha mãe consegue sempre uma forma de ocupar as noites de sexta e de sábado com concertos de música clássica ou peças de teatro.

— Um pouco de cultura não lhe fará mal, Elena — justifica com arrogância.

No entanto, é óbvio que estas saídas são uma forma de passar uma imagem bonita para as outras famílias do mesmo estatuto. A minha mãe sempre teve a mania de ostentar mais do que é. Eu sei que ela prefere ficar na sala de estar a ver os seus degradantes programas de televisão, com um copo de vinho branco numa mão e o cigarro de mentol pendurado na outra. Mas estes caprichos da minha mãe são largamente superados pelos jantares a que o meu pai nos obriga a comparecer.

— Filhota, é apenas um jantar. Prometo que se vai divertir — tenta dissuadir-me com condescendência.

É engraçado observar o esforço que ele faz para me ludibriar com motivos supostamente plausíveis. Porém, o seu único objetivo é passar a imagem de homem de negócios poderoso, marido extremoso e pai carinhoso. Na realidade, somos apenas uma falsificação da família perfeita.

Raramente os observo a trocar um carinho em privado e discutem desde que acordam. Dormem em quartos separados desde que o meu pai arranjou uma amante. O desgosto de ter sido trocada por outra mulher, vinte anos mais nova, não é o suficiente para a minha mãe abandonar a vida de luxo que ele lhe proporciona. A melhor maneira de afogar a mágoa de esposa traída é através das suas bebidas alcoólicas preferidas, aos sábados à noite, enquanto o meu pai divide a cama com outra. Se as pessoas conhecessem os esqueletos escondidos no armário dos Castro de Albuquerque, toda a cidade pegaria fogo. O mais triste é ambos obrigarem-me a compactuar com estas charadas sociais e a ocultar todos os podres da família.

Esta sexta-feira não é diferente. O ano letivo está a terminar, contudo, assim que chego a casa, tenho o explicador à minha espera na sala de estudos.

Tento despachar-me o mais rápido que consigo, para me livrar desta tortura. Assim que me vejo livre do explicador, decido comer alguma coisa.

— Nem pense encher-se com porcarias, vá arranjar-se. Já tem a roupa preparada em cima da cama — diz a minha mãe após ter estado a gritar com o meu pai.

— Mas ainda é cedo, são apenas cinco da tarde.

— Agradeça ao seu querido pai por avisar em cima da hora que tínhamos um jantar em casa de um amigo. Até nos fez perder os bilhetes para o teatro!

Balanço a cabeça para trás, reviro os olhos e expiro sonoramente à medida que subo a extensa escadaria de mármore, e de todas as vezes penso o mesmo, que se um dia me falhar o pé, é morte certa. Percorro o corredor até ao meu quarto que fica ao fundo. Olho para cima da cama e rio-me.

— Aquela mulher tem um péssimo gosto! Nem pensar que vou usar isto — murmuro, arrumo a roupa no guarda-fato e troco por outra do meu agrado.

Vou à casa de banho do meu quarto e, enquanto a água aquece, pego no telemóvel para averiguar as horas. Reparo que tenho uma mensagem.

Gostei muito de estar contigo hoje. (06:28)

Um sorriso surge no meu rosto e rapidamente a minha mente recua até à manhã daquele dia.



Enquanto tomo o pequeno-almoço no liceu, uma rapariga aproxima-se.

— Posso juntar-me a ti?

Aceno de olhar preso nela, não era uma desconhecida, há semanas que reparo nela e na sua beleza. Confesso que a descrição não é o meu forte sempre que nos cruzamos. Lembro-me de uma vez chocar de propósito com ela só para ouvir a sua voz. E, naquela manhã, aquela rapariga dá o primeiro passo.

— Chamo-me Adriana e tu?

— Elena! — Abro um sorriso na sua direção.

Durante aquele intervalo de quinze minutos, são feitas e respondidas várias perguntas e, após aquele curto período de descanso, fico com a sensação de a conhecer há muito tempo. Ao som do toque de entrada, peço que volte a encontrar-se comigo à hora do almoço. Ela concorda e despede-se de mim com um beijo no rosto.

Enquanto estou na sala de aula, parece que o tempo passa mais devagar do que o normal. A minha perna balança constantemente e passo a mão no rosto várias vezes enquanto respiro profunda e sonoramente. Toco no ecrã do telemóvel na esperança de que já falte pouco para voltar a estar com ela. Tenho a boca seca, ao contrário das mãos que limpo nas calças.

— Precisas de ir a algum lado, Elena? — questiona a professora, tentando ser engraçada.

— Não senhora. — Coro ao perceber que o meu nervosismo é percebido e presenciado pelos outros.

Quando finalmente a campainha toca, salto da cadeira e saio de rompante pela porta. Tal como combinado, a Adriana espera por mim no jardim atrás da escola, sentamo-nos na relva e o sol espreita, preguiçoso, por entre os ramos das árvores.

Estamos sozinhas e, à medida que comemos, rio-me perdidamente das histórias que a Adriana conta acerca dos seus colegas. Uma vez por outra, também partilho acontecimentos engraçados.

Surge um silêncio embaraçoso que é quebrado quando a Adriana se debruça sobre mim e, sorrindo, toca com os seus lábios nos meus, num beijo suave. Ela afasta-se um pouco, talvez na tentativa de perceber a minha reação, e correspondo ao seu avanço.



*Também gostei de estar contigo e adorei ainda mais os teus beijos!
Temos de combinar qualquer coisa para segunda-feira. (06:30)*

Atiro o telemóvel para cima da cama e dirijo-me para o duche, recordando a pressão dos seus lábios.

A minha mente está distante da realidade, estou sempre a pensar naquela rapariga por quem começo a apaixonar-me. Mas como tal é possível se apenas estive duas vezes com ela? Será amor à primeira vista? Ou apenas uma atração juvenil? Independentemente do que seja, estou decidida a experimentar e ver até onde vai dar.

Após me vestir, olho-me ao espelho, arranjo umas madeixas de cabelo e acho que estou bem. Percorro o longo corredor, desço a escadaria com cuidado e junto-me à minha mãe no *hall* de entrada.

— Porque estamos à espera, o pai ainda não se arranjou?

— Foi o primeiro, está apenas a terminar um telefonema com um cliente.

O meu pai não fala propriamente baixo, penso que a minha mãe está a ficar surda ou prefere ser cega, ele está a chamar querida e amor à amante. A minha paciência para os dramas deles há muito que se esgotou, até fazer ou dizer algo, desisti, pois sou sempre afastada bruscamente. Segundo eles, são assuntos de adultos e não passo de uma criança. Sim, uma criança de dezasseis anos que já se apercebe de muitas coisas da vida.

Quando o meu pai finalmente abandona o escritório, seguimo-lo até ao carro onde o Afonso, o motorista, espera por nós com a porta aberta. Entro primeiro, seguida pelos dois.

— Veja lá se hoje se contém no vinho, ouviu? — resmunga o meu pai para a minha mãe, sem levantar os olhos do telemóvel, assim que o carro inicia a marcha.

— Talvez não acontecesse se disfarçasse melhor os olhares porcos que lança aos decotes das mulheres dos seus amigos — riposta a minha mãe.

Assim se inicia uma longa viagem, com indiretas para um lado e insultos para o outro. Cresci neste ambiente e nada do que digam mutuamente é novidade. Conecto os auriculares *wireless* ao telemóvel e deixo que a música abafe aquela relação em decadência que teima em não terminar. A única coisa que me preocupa é que aconteça o mesmo da última vez. A comida era péssima e a conversa um aborrecimento mortal. Além disso, foi exaustivo ter de recusar todos os avanços do filho mais velho, que era demasiado mimado e não sabia lidar com a rejeição.

O motorista para em frente a uma casa desmedida. Saímos do carro e admiro as árvores altas e verdejantes, plantadas com uma distância minuciosamente calculada em cada lado da pequena estrada de gravilha que nos guia da rua até à entrada da moradia. Surpreende-me o tom de lilás dos amores-perfeitos e fecho os olhos quando os aromas da lavanda e do jasmim invadem os meus sentidos. O meu pai chama por mim e lanço um último olhar àquele pequeno mar colorido. Quando me aproximo, o meu pai, hipocritamente, pousa uma mão na cintura da minha mãe, abraçando-a, e coloca a outra no meu ombro enquanto esboça o sorriso ensaiado de sempre. Caminhamos até à porta da residência onde um empregado nos espera.

Que comece o espetáculo! — penso com amargura.

Estamos na entrada, olho à minha volta enquanto entrego o casaco e fico fascinada! De cada lado da porta e por cima, há duas janelas amplas com cortinados de tecido branco, liso. À minha esquerda tem o início da escadaria de mármore claro, que se conecta ao andar superior e parece muito mais segura do que a nossa. O resto da entrada é grande e com uma leveza e frescura indescritível! Para além de ser um pouco maior do que a nossa, está decorada

de forma simples e com muito bom gosto. Ao fundo tem uma *chaise longue* e duas poltronas pretas, contrastando com o branco das paredes e a tijoleira luzidia do chão. No teto, encontra-se pendurado um lustre de ferro escuro capaz de iluminar toda a divisão com o auxílio de pequenas lâmpadas embutidas de forma discreta e perfeita. Não há jarras japonesas da dinastia não sei das quantas, nem arranjos de flores espalhafatosos, feios e malcheirosos.

— Que bom voltar a ver-te, Albuquerque! — cumprimenta o amigo do meu pai ao sair por baixo de um arco criado na parede que dá para outra sala mais reservada.

— Mourão, meu velho amigo! Obrigado por nos receberes em tua casa.

— Carmo, como sempre, uma jovem lindíssima — sussurra o senhor Mourão dirigindo uns olhares estranhos à minha mãe enquanto lhe beija a mão, ela parece derreter-se. — A tua filha está crescida, praticamente uma mulher. E bonita também!

— Esperavas menos do que isso? Já devias saber que as mulheres da minha vida são todas lindas — contradiz o meu pai. Estaria também a referir-se à amante?

— A minha mãe está na cozinha a verificar os últimos detalhes e a minha filha também deve estar quase a descer. Por isso, podemos deslocar-nos até à sala de estar onde já prepararam um aperitivo para nós.

— Chama-se *amuse-bouche*, papá — replica a filha do senhor Mourão ao aparecer atrás de nós.

— Meus amigos, a minha linda filhota, Adriana.

— Elena? O que fazes aqui? — indaga ela ao correr na minha direção e abraça-me.

— Vim jantar a casa do amigo do meu pai que aparentemente é a tua — sorrio.

— Ó, Albuquerque, que engraçado as duas meninas serem amigas!

— Ao menos não se aborrecem com coisas de adultos — replica o meu pai, rindo-se condescendentemente.

Pela primeira vez, uma saída social não está a ser um martírio. A comida, para além do aspeto e cheiro divinais, tem um sabor extraordinário, completamente diferente daquela toda pomposa e de pessoas finórias. Além disso, os meus pais não estão a envergonhar-se. O senhor Mourão é viúvo e, sem uma mulher para o meu pai se atirar, não há motivos para a minha mãe se enfrascar com o vinho oferecido pelo anfitrião.

No entanto, muito melhor do que isso, é o facto de não haver filhos aborrecidos e mimados, mas antes uma filha linda cujos lábios já tive o prazer de conhecer.

Quando eu e a Adriana terminamos de jantar, ela faz-me um sinal discreto, que entendo ser uma deixa para sairmos dali. Sorrio e aceno com a cabeça. Com a devida autorização, saímos da sala de refeições e, quando atravessamos o *hall*, a Adriana entrelaça a mão na minha e guia-me pelos corredores até chegarmos ao seu quarto. O meu coração bate de forma acelerada, estranha, e a minha boca fica seca na ânsia de perceber o que ela tem em mente.

Quando a porta do cómodo se abre, o aroma do perfume dela invade-me de imediato e sorrio. Ao fundo, está a cama de pinho coberta com uma colcha branca e flores cor de laranja e uma mesa de cabeceira em cada lado. À minha direita, há um armário maior que o meu e com roupa muito feminina, do outro lado, está um janelão enorme que dá para as traseiras da casa. Sorrio quando observo o seu material escolar extremamente organizado na secretária. Olho uma vez mais à minha volta, absorvendo cada recanto da divisão, quando a Adriana me puxa pelo braço. Recuo uns passos, fico bem perto dela e beijo-a.

— Hoje deve ser o meu dia de sorte! Pensava que só voltaria a estar contigo na segunda-feira.

— Realmente, foi uma coincidência do caraças o amigo Albuquerque ser o teu pai. — Adriana volta a beijar-me e pressiona o meu corpo contra o dela, as suas mãos pousam nas minhas costas.

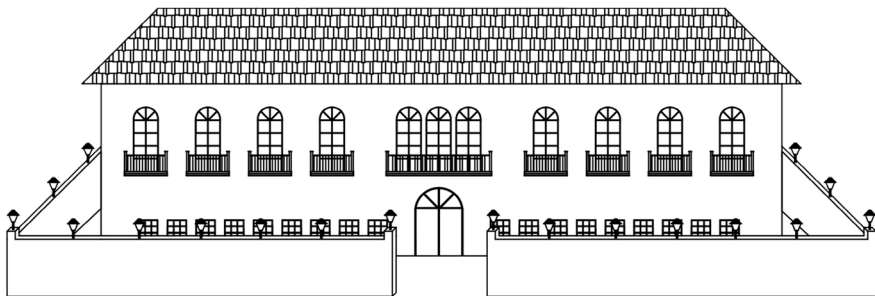
— Que achas de vermos uma série enquanto eles falam de coisas chatas? — sugiro, aproximo-me da janela e fico fascinada com o jardim traseiro da sua casa totalmente florido.

— Pensei que querias fazer coisas mais interessantes. — Ela abraça-me por trás e beija-me o pescoço.

Adriana desce com as suas mãos pela minha cintura até à bainha do meu vestido, que levanta, e acaricia as minhas pernas. Viro-me para ela, que volta a beijar-me sem parar de me tocar. A seguir, puxa-me pelo vestido na direção da cama, onde se aconchega, encostada à cabeceira. Descalço-me, sento-me no seu colo, de frente para ela, com uma perna para cada lado. Algumas das minhas madeixas caem para o meu rosto ao debruçar-me sobre ela. Apanho-as e, mantendo-as presas ao resto do meu cabelo, continuo a beijar a Adriana. Ela acaricia as minhas costas à medida que abre o fecho do meu vestido e me deixa o corpo descoberto. Sinto as suas mãos a deslizarem pelo meu ventre até pousarem suavemente nas minhas coxas. A Adriana levanta mais um pouco o meu vestido e, quando me toca, arqueio o corpo para trás enquanto solto um gemido de prazer. Penso que aquela não era a sua primeira vez porque as suas carícias são perfeitas! Apoio-me para trás com as mãos na cama e, sem controlo, acompanho o movimento da sua mão.

— Elena, o pai recebeu uma chamada e temos de... — A minha mãe bate e entra sem permissão no quarto da Adriana. — Desculpem-me! — replica e fecha a porta com estrondo.

— Foda-se! — pragueja ao saltar da cama.



Capítulo 2

Com ajuda da Adriana, componho o vestido, calço-me e saio do quarto em passo de corrida. Observo a minha mãe ao fundo do corredor, chamo por ela, mas não reage. Corro na sua direção e alcanço-a no início da escadaria.

— Mãe, peço-lhe desculpa! — suplico, tocando-lhe no braço.

— Falamos em casa.

— Mas mãe...

— Já disse que falamos em casa! Agora desça já à minha frente e meta-se no carro! — interrompe-me enquanto me olha de nariz franzido e o lábio superior meio-levantado.

Sinto o meu rosto a queimar, um nó começa a ganhar forma na minha garganta. Ela desce as escadas depressa, despede-se do senhor Mourão fuzadamente e nem sequer olha para o cimo da escadaria onde Adriana observa os nossos movimentos até sairmos.

Pela primeira vez, uma viagem de regresso é demasiado silenciosa, até a minha cabeça começa a doer. O meu pai fica vidrado no telemóvel, a minha mãe carrega uma expressão fechada, cerra os dentes com tamanha força que consigo observar os músculos do seu rosto a contraírem-se. Sinto o coração acelerado quando lhe toco no braço, discretamente, para lhe falar, mas ela recusa. Rendida, viro a cabeça para a janela. As árvores e os pequenos arbustos à beira da estrada passam rápido lá fora e a minha visão começa a embaciar. Passo a mão nos olhos para recolher as lágrimas que não consigo segurar enquanto engulo em seco.

Assim que o motorista estaciona em frente à entrada, entro cabisbaixa e em passos lentos em casa. A minha mãe, em silêncio, move-se em direção à escadaria que a leva ao piso superior, o meu pai, por seu lado, retira-se para o escritório. Parada no *hall* da entrada, observo cada um a dirigir-se para o seu lado e penso que vai acontecer o mesmo de sempre. Algo muito importante acabou de acontecer e é ignorado, ao invés de conversarmos os três. Eu já aceitei que eles tenham desistido de ser um casal, no entanto, entristece-me mais que se demitam do papel de pais.

— Que merda estava a fazer no quarto com aquela miúda? — grita a

minha mãe parada na escadaria, de costas para mim. — Responda! Que porcaria estava a fazer enquanto estávamos todos descansados a jantar? — berra, descendo os poucos degraus que subira.

Os seus gritos ecoam pela divisão, levando os empregados a verificarem o que se passa.

— Vá, diga-me, que merda estava a fazer em cima daquela rapariga? — volta a indagar assim que os empregados fingem ausentarem-se e se escondem atrás das portas para ouvirem o novo escândalo da família Castro de Albuquerque.

O meu corpo treme, o coração galopa veloz, sobe pelo peito e fica preso na garganta. Sinto as lágrimas a molharem-me o rosto. Não por tristeza, mas por medo! O que seria de mim agora?

— Eu gosto de mulheres, gosto da Adriana.

— Gosta da Adriana? Uma mulher? — cospe as palavras, mirando-me de novo com o mesmo olhar de há meia hora.

— Que raio se passa agora nesta casa? — pergunta o meu pai, metendo a cabeça fora do escritório, franzindo as sobrancelhas.

— Pergunte à sua filhota a porcaria que andava a fazer com a filha do seu querido amigo Mourão! — riposta a minha mãe, enquanto ele olha para mim como se pedisse uma explicação.

— Eu gosto de mulheres, eu gosto da Adriana — repito de novo com as lágrimas a caírem no meu peito, o que me molha o vestido.

— Vê? A sua filha gosta de mulheres, gosta da Adriana! É tudo culpa sua! Sempre ausente em saídas de trabalho urgentes. Não soube dar disciplina e estrutura à sua filha. Agora ela está assim, desamparada, a pensar que é lésbica e que gosta de mulheres! É tudo culpa sua, Albuquerque!

À medida que grita com o meu pai, ela anda às voltas na entrada de casa, entre o início da escadaria e a porta do escritório, com as mãos na cabeça. Pela primeira vez, vejo-a descomposta, de olhos esbugalhados e cabelo desganhado. Por isso, afasto-me para um canto com medo de que ela seja capaz de cometer alguma loucura contra mim. O meu pai caminha até ela, calmo e em silêncio. Será que ele tentará tranquilizá-la? Agilmente, ele agarra-a pelo pulso e dá-lhe uma bofetada. Ao mesmo tempo, fecho os olhos, assustada com o eco da agressão. Ela acalma-se e, esfregando o rosto, pede perdão e sobe as escadas.

— Elena! — A voz do meu pai soa como um trovão no meio da casa.

Saio do meu esconderijo e coloco-me à sua frente de cabeça baixa. Apesar de sermos quase da mesma altura, é impossível não me sentir pequena face à sua imponente presença. Pelo canto do olho, observo a Daniela com a mão na boca para não a ouvirmos chorar.

— Venha comigo! — ordena à medida que volta para o escritório e, sem demora, siga-lhe os passos.

O meu coração bate que nem louco no meu peito, inspiro o ar que me rodeia bem fundo. Será que também me agredirá? A nossa família é muito conservadora, com um *status* social que não permite escândalos. Respiro fundo por diversas vezes, sinto o coração a latejar na garganta enquanto ele encontra uma posição confortável no seu cadeirão e acende um charuto.

— Eu continuo a amá-la, filhota, e estarei sempre do seu lado. — Expulsa um bafo de fumo que se espalha lentamente no ar.

Olho atônita para aquele homem. Estou tão surpresa, o meu corpo não reage, a minha voz fica perdida numa dimensão longínqua. Dele espero insultos, humilhações e até mesmo algum tipo de agressão. Do meu pai consigo prever tudo, menos aceitação.

— E a mãe?

— Ela é o menor dos nossos problemas. Não se preocupe, havemos de encontrar uma solução. Agora, se me dá licença, o pai precisa de retomar uma chamada.

Aceno e, ao sair daquele cómodo, culpo-me por pensar sempre o pior dele. A minha cabeça lateja, o coração está tão acelerado que até me dói o peito. Inspiro o mais fundo que consigo, mas parece não haver ar suficiente à minha volta para conseguir respirar. Uma vertigem faz-me cair de joelhos no chão, agarrada ao peito. A minha mente rumina em pensamentos intrusivos que põem em causa todas as conceções e crenças que construí acerca daquele homem. A minha garganta está bloqueada por um nó que apenas se desmancha quando as lágrimas deslizam pelo meu rosto, atropelando-se umas às outras. Enquanto ouço o meu choro compulsivo a fazer eco no *hall*, sinto que alguém me agarra por um braço e leva-me para a cozinha.

— Vá, minha pequenina, bebe este chá. Vai fazer-te bem — diz a Justina com carinho.

A Daniela senta-me numa cadeira encostada à mesa e a velha empregada entrega-me uma caneca. Ainda com as lágrimas a correrem pelo meu rosto e com as mãos a tremerem, faço mais força do que o normal para não entornar o seu conteúdo. Faço o que a Justina disse e bebo uns goles seguidos. Pouso a caneca na mesa e, de olhar perdido, passo o indicador à volta da borda. Fecho os olhos quando os meus pulmões exigem por uma respiração mais profunda. A velha cozinheira senta-se ao meu lado, toma entre os seus dedos uma mecha do meu cabelo que caiu para a frente e começa a enrolá-la, como só ela sabe fazer. Relembro o calor do seu colo que de todas as vezes me acalmou. E, tal como prometido, aquele líquido faz o meu coração bater mais devagar e

a minha respiração ficar mais calma. Agradeço àquela mulher, que apesar de não ser do meu sangue, de não ter nenhuma obrigação para comigo, sempre me protegeu e tratou como sua, algo que a minha mãe nunca soube fazer e muito menos tentou.

Mais calma, decido volver para o meu quarto, estou cansada e quero deitar-me. Despeço-me da Justina e dos restantes empregados, abandono a cozinha e sigo para o piso superior.

Já no quarto, fecho e tranco a porta na esperança de afastar os meus receios ou para evitar que a minha mãe entre para humilhar-me de novo.

— Ele não deixará que ela volte a fazê-lo. Ele disse que continuava a amar-me, que estaria sempre do meu lado.

Finalmente, aconchego-me debaixo das cobertas, fecho os olhos na esperança de conseguir descansar. É demasiado difícil impedir que imagens soltas de tudo o que aconteceu naquela noite não invadam a minha mente e façam com que o coração pareça um cavalo de corrida, mas lembro-me da conversa no escritório. A postura e as palavras que o meu pai pronunciou acalenta-me a alma. Antes de adormecer, nasce em mim uma sensação de segurança que só um verdadeiro pai pode criar num filho.



Durante o resto do fim de semana, evito ao máximo sair do quarto para não me cruzar com os meus pais. Para além de me envergonhar o facto de terem descoberto a minha orientação sexual, sinto-me culpada pela forma como tudo aconteceu. Era suposto ter sido mais tarde, com calma, com maior segurança. Penso que para a minha mãe seja mais difícil assimilar, porque descobriu da pior forma, apanhou-me em flagrante delito, tal como o ladrão é apanhado a roubar.

A Daniela percebe o quanto hesito sair do quarto. Então, leva-me as refeições, fico extremamente agradecida pela compreensão e empatia que tem para comigo.

— Acabaram-se os serviços de mordomia! A Elena se quiser comer vai lá abaixo! Isto não é um hotel! E livrem-se de voltar a trazer comida ou o que seja! — Ouço os berros da minha mãe, provenientes do corredor.

Abro uma frincha da porta e observo a Daniela cabisbaixa, de tabuleiro na mão, a desculpar-se. A minha mãe está a ser injusta porque a rapariga queria apenas tratar de mim, algo que ela nunca soube fazer. Ainda sinto um ímpeto

para abrir a porta e defender a pobre coitada, mas acobardo-me. Sentindo-me culpada, fecho a porta e deito-me na cama.

À noite, após verificar que nenhum dos meus pais se encontra no andar de baixo, desço sorrateiramente até à cozinha. Por sorte, ainda consigo encontrar a Daniela e desfaço-me em desculpas.

— Agora vou tentar chegar ao meu quarto sem que ela me veja — digo com o prato de comida na mão.

— Minha menina, sei que não somos pessoas do teu nível, mas temos todo o gosto que nos faças companhia para jantar. — A Justina aponta para um lugar livre na mesa dos empregados.

— Isto dos níveis tem muito que se lhe diga. Não servem de nada se não temos amor nem compaixão. É com muito gosto que fico — sorrio.

Sento-me no meio deles, alguns entreolham-se, quietos, como procurando uma forma de agir na minha presença. Há um silêncio naquela cozinha e consigo perceber que o Afonso tem alguma dificuldade em comer o frango assado com os talheres.

— Com licença! — Pego na perna de frango com as mãos, dou-lhe uma mordida, o que me deixa a boca besuntada do molho. — Tenho alguma coisa na cara? — Rasgo um sorriso na esperança de quebrar o gelo.

A Justina começa a rir-se tal como os restantes. A Daniela passa-me um guardanapo, e agradeço mentalmente quando o ambiente começa a ficar mais leve. Apesar de reticentes, os empregados começam a ser eles próprios, a falarem de si e das suas famílias. Apesar de serem pessoas humildes, das suas palavras e atitudes vêm compreensão, carinho e apoio. Sinto que estou em família!

Após comer, despeço-me e aceito voltar no dia seguinte para os acompanhar ao jantar. Com cuidado, retiro-me para o meu quarto.

— Francamente, Elena, agora até as refeições faz com os criados! Acho que a educámos melhor do que isso! — replica a minha mãe de peito aberto, a olhar-me de cima e com uma sobranceira arqueada, a tão habitual expressão de superioridade desde aquele dia.

— A única coisa que me ensinou foi que o dinheiro e *status* realmente não compram educação nem humildade, algo que precisa com urgência — riposto de volta com azedume.

— Por acaso está a insinuar que não tenho educação? — grita ela, fazendo-me frente.

— Entenda como quiser. Mas nunca é demais a lembrar que eles não são apenas os seus empregados, são também seres humanos como eu ou a senhora. Quero dizer, como a mãe não sei, visto que é capaz de agir como

um monstro sem sentimentos, sem um pingo de empatia para com a sua única filha. — Tento manter o mesmo tom de voz.

Ela continua a olhar para mim com os lábios comprimidos, cerra os dentes com força e as sobancelhas tremem enquanto as narinas dilatam. Vejo nos seus olhos que está a pensar em algo para me contra-atacar. O meu coração dispara e sinto os olhos a ficarem húmidos, mas mantenho a mesma postura de defesa.

— Realmente, a educação que lhe demos não serviu de nada. Até parece que criámos uma selvagem! — diz ao fim de uns segundos, abana a cabeça para os lados e volta para os seus aposentos.

Caminho para o meu quarto, fecho a porta e encosto-me a ela. À medida que troco de roupa e visto o pijama, os olhos enchem-se de lágrimas que pingam sonoramente no chão de madeira envernizado. É extremamente doloroso e angustiante a forma como o sentimento de abandono se abate em mim. Se antes suspeitava, agora tenho a certeza de que não significo nada para ela.

Capítulo 3

No dia seguinte, acordo mais cedo do que é costume, preparo a mochila, saio do quarto e desço devagar a escadaria. Dirijo-me à cozinha e sento-me na cadeira que o Afonso oferece ao seu lado. A Justina chama pela Daniela e voltamos a fazer mais uma refeição juntos. A manteiga derrete assim que toca no interior do pão e reparo que o meu café foi preparado na minha caneca preferida.

— Estás pronta? — questiona o Afonso, que se levanta e sacode algumas migalhas das calças quando termina.

Sorrio e aceno. Enquanto saímos pela porta dos fundos, a Daniela vem até nós com um embrulho na mão. É uma fatia de bolo de chocolate que a Justina fez na noite passada. Sei que ficou até mais tarde e é impossível não me sentir agradecida por ter aquelas pessoas na minha vida. Entro no carro, mas, para surpresa do Afonso, desta vez, sento-me no banco do passageiro. Troco as estações de rádio até encontrar uma música que seja do nosso agrado e cantamos pelo caminho. Outras vezes, o Afonso diz umas piadas até chegarmos à escola.

Ele estaciona em frente ao edifício, despeço-me dele e avisto o carro a afastar-se. Antes de entrar, coloco ambas as alças da mochila nos ombros e penso em vários locais da escola onde me poderei refugiar da Adriana. Gosto muito dela, mas a minha cara aquece rápido quando me lembro que fomos flagradas pela minha mãe e o quanto foi uma situação embaraçosa. No entanto, preocupa-me mais que a Adriana me pergunte o que aconteceu lá em casa depois do jantar. Mordo o canto do lábio e penso que nunca serei capaz de repetir as palavras que a minha mãe disse.

Aperto as alças da mochila, respiro fundo, entro na escola e dirijo-me de imediato para a sala. Durante a manhã, tudo corre como planeado. Evito circular nos corredores mais do que o necessário. O bolo da Justina vem mesmo a calhar, pois ir ao bar é demasiado arriscado, é uma das zonas onde a Adriana tem por hábito estar. No entanto, já são horas do almoço e não tenho muito por onde fugir, pois almoçamos à mesma hora. À medida que me dirijo para o refeitório, rezo mentalmente, na esperança que ela tivesse decidido deslocar-se ao café em frente à escola.

Chego à fila, coloco o tabuleiro nas barras de ferro e faço-o deslizar em frente à vitrine, tento escolher o prato com melhor aspeto. A comida da escola sempre foi horrível, tanto para os olhos como para o paladar. Nem mesmo com os nossos pais a pagarem balúrdios para estudarmos lá, são capazes de nos dar uma refeição saborosa. Opto por uma sopa e uma fatia de *pizza*. No final da fila, do mini frigorífico, pego numa laranja e numa garrafa de água. Pego no tabuleiro e sento-me no local mais escondido, caso a Adriana apareça depois de mim. Dou umas dentadas grandes na *pizza* e parece-me que sabe a borracha. No entanto, o tempo para apreciar, terminou.

— Finalmente, encontrei-te! Andei a escola toda à tua procura! — Adriana pouso o seu tabuleiro e senta-se à minha frente.

— Hoje está a ser um dia difícil — verbalizo, enquanto mentalmente é impossível não soltar uns palavrões.

— Estou preocupada contigo! Desde sexta-feira que te mando mensagens, mas acho que não as recebeste.

— Devo estar com um problema no telemóvel — minto, desliguei-o prevenindo que ela tentaria falar comigo.

— Então, como foram as coisas em casa depois do jantar? — Ela atira a temida pergunta de forma banal enquanto enfia uma garfada de salada na boca.

— A minha mãe não reagiu muito bem, mas as coisas estão calmas. — Sou breve para não dar azo a mais questões.

— É só a reação ao choque e também não estávamos propriamente a conversar quando ela entrou no quarto — diz com um tom de voz malicioso ao mesmo tempo que me agarra na mão.

Em questão de segundos, a minha mente revive cada momento daquela noite, cada palavra, cada humilhação dirigida a mim. Um nó forma-se na minha garganta e engulo em seco, tento empurrá-lo para baixo, sem sucesso.

Na resposta da Adriana, sinto que ela desvaloriza o que tenho vivido desde aquela noite, o que me faz acreditar que não será empática o suficiente para compreender o sofrimento que tenho naquele momento. Levanto-me, agarro no tabuleiro e vou embora. Não quero que me veja a chorar. Ignoro os chamamentos da Adriana, caminho até ao carrinho dos tabuleiros sujos, onde deixo o meu, e saio do refeitório. Os corredores estão praticamente vazios àquela hora e, finalmente, permito que algumas lágrimas se libertem e percorram o meu rosto até se refugiarem na minha camisola.

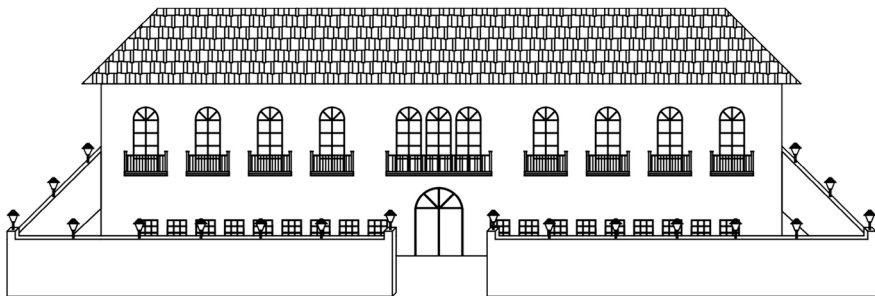
O resto do dia decorre devagar, tudo o que me apetece é refugiar-me no meu quarto. Pelo menos não volto a encontrar-me com a Adriana. Quando finalmente as aulas terminam e estou com o Afonso no carro, começo a

acreditar que até agora foi apenas o início e que tenho de pensar numa forma de escapar ao olhar frio e julgador da minha mãe.

Em casa, dirijo-me de imediato à cozinha onde a Justina e a Daniela me informam que a minha mãe está nos seus dias de enxaquecas, que não se levantou o dia todo. Todos sabemos que é uma espécie de código, significa que quer ficar sozinha com uma garrafa de vinho aberta na mesa de cabeceira. Agradeço a Deus mentalmente, ela só sairia do quarto no dia seguinte e, com sorte, é uma daquelas enxaquecas que durará três dias, como já aconteceu há uns tempos.

Ao final da tarde, o meu pai regressa da empresa, troca de roupa, mas não janta em casa. Diz que tem uma reunião importante com um cliente. No entanto, sei que vai ter com a amante, pois, sem querer, leio uma mensagem que ambos trocam quando o cumprimento. Janto com a Justina, a Daniela e o Afonso, e de novo sinto-me bem. Discretamente, o meu olhar percorre cada um deles várias vezes.

Porque não tive a sorte de ser filha de um deles? Tenho a certeza de que, mesmo sem estas mordomias, seria muito mais feliz. Volto a baixar o olhar e remexo a sopa já fria.



Capítulo 4

Os dias seguintes são demasiado pacíficos tendo em conta a descoberta da minha sexualidade, sendo que é um escândalo para uma família ilustre como a nossa. A minha mãe continua a ignorar-me, o que não me deixa surpreendida, as aparências e o que os outros pensam são mais importantes do que o bem-estar da sua filha. Por outro lado, noto uma ligeira diferença no meu pai. Nestes últimos dias tem chegado mais cedo do que o habitual e troca meia dúzia de palavras comigo. No entanto, evita falar sobre o sucedido e nunca fica para jantar. Serão as suas estratégias para lidar com o que aconteceu? Ou será que não querem prolongar o desconforto? Ou então pensam que, se ninguém falar sobre o elefante que está no meio da casa, ele desaparecerá.

A maior parte do meu tempo é passado na cozinha de roda da Justina e da Daniela.

Por outro lado, na escola evito locais onde posso encontrar a Adriana. A vergonha ainda me consome ao pensar que a humilhei, tanto em casa dela, como da última vez em que a deixei a falar sozinha.

Estou deitada na cama a fazer *scroll* nas redes sociais quando alguém bate à porta do meu quarto.

— É quase hora do jantar. Porque não se junta a nós? — indaga a minha mãe com um breve sorriso.

— Sim, irei já de seguida.

Assim que a porta é fechada, sento-me na cama confusa com a sua atitude, desde aquele dia em que me humilhou, nunca mais me havia dirigido a palavra. Enquanto me calço, por momentos penso que ela recuperou do choque e está pronta para me aceitar do jeito que sou, tal como o meu pai. Mas rapidamente essa ideia sai da minha cognição, o mais certo é ela ter retornado à medicação que a deixa mais alegre.

Enquanto caminho pelo corredor e desço as escadas, penso que se ela não me ignorar, nem lançar aquele olhar de ódio, já é algo. Enquanto me aproximo da sala de refeições, o batimento cardíaco eleva, um suor frio percorre-me a espinha só pela expectativa de saber como aquela refeição se desenrolará. Sento-me no lugar do costume, o meu olfato é invadido por cheiros divinos, automaticamente sinto um brilho a nascer nos olhos.

— Fico satisfeito que se tenha juntado a nós para o jantar! — O meu pai sorri e percebo que, pela primeira vez, está à mesa sem o telemóvel.

— Pedi à Justina que fizesse o seu prato preferido — refere a minha mãe, com um rasgo sorriso, ao servir-me uma porção de lasanha.

Dizer que estou surpresa, será um eufemismo? Estão a lidar com o que aconteceu melhor do que esperava, eu a pensar que precisariam de mais tempo, afinal, estamos os três reunidos e pela primeira vez sinto que somos uma família funcional.

— Como tem estado? — questiona a minha mãe de sobranceiras baixas e juntas no topo do nariz e de olhar preocupado, ao mesmo tempo que tenta alcançar a minha mão como se me quisesse confortar.

— Bem, acho eu — respondo confusa.

— Sei que não tenho sido uma grande ajuda e tornei mais difícil aquilo que já é complicado. Prometo que a partir de agora será diferente. Conversei com o meu pai e compreendi que não posso ter esta postura, que deverei ser mais útil e auxiliar nesta fase.

As palavras da minha mãe surpreendem-me tanto que até levanto a cabeça de olhos bem abertos para perceber se é mesmo ela que ali está. Mais do que a surpresa pela sua atitude, espanta-me a compaixão das suas palavras. Questiono-me o que terá acontecido para ocorrer uma mudança tão radical. Ter-se-ão ambos realmente sentado e conversado? Impossível! Eles não conseguem ficar mais de cinco minutos sem discutir, sem se insultarem. A verdade é que o meu pai, pela primeira vez em muitos dias, janta connosco, sem o telemóvel, e a minha mãe demonstra ter sentimentos.

— Também chegámos à conclusão de que deveremos todos iniciar um acompanhamento psicológico — acrescenta o meu pai.

— Mas porquê? Sinto-me bem, não preciso desse tipo de ajuda! E tanto a mãe como o pai parecem estar a lidar bem com isto tudo! — respondo irritada, porque parece-me que talvez eles continuam a não aceitar a minha orientação sexual tão bem como eu pensava.

— Sim, sabemos que está demasiado bem com tudo o que sente e pensa, mas tem de perceber que a nossa família está inserida num meio social ainda fechado e conservador, que não terá problema algum em apontar-nos o dedo. E, apesar de começarmos a lidar melhor com as suas escolhas, nós, enquanto pais, ainda temos muito caminho a percorrer para a compreender e aceitar totalmente — diz a minha mãe calmamente.

— Exatamente! Seria apenas uma forma de apoio para que nós os três consigamos desenvolver estratégias que nos mantenham mentalmente fortes para lidar com este tipo de situação, para a podermos ajudar quando

necessitar — reforça o meu pai, afagando a minha mão.

— Bem, acho que o que dizem faz sentido. Também que mal fará falarmos com um terapeuta? Até pode ser um espaço onde poderemos partilhar preocupações ou medos.

— Então, está decidido! Na próxima sexta-feira trataremos disso. — O meu pai sorri satisfeito.

— Porquê tanta pressa? — indago confusa.

— As aulas terminam na próxima semana e a sua diretora de turma disse-me que as avaliações já terminaram. Assim não tem nada para a preocupar nem sobrecarregar.

As suas palavras fazem sentido. As aulas estão a terminar, não terei mais explicadores nem matérias para estudar. Durante o resto do jantar, em nenhum momento a minha orientação sexual é de novo abordada. Pondero que estão a ignorar o óbvio, no entanto, parecem disponíveis, falam mais e fazem um esforço para não andarem às turras. Começo a pensar que assumir-me acabou por ter um impacto positivo na nossa família.



Tal como combinado, na sexta-feira, após o almoço, saímos de casa, o Afonso já está com a porta do carro aberta à nossa espera.

— Bom dia, Afonso, como estás hoje? — cumprimento-o do modo já habitual.

— Bom dia, menina Elena. Estou bem, muito obrigado pela sua preocupação. E a menina, como está?

O Afonso está sério e as suas palavras cheias de formalismo. A confusão instala-se na minha mente de tal forma que até viro a cabeça de lado para compreender melhor o que me diz. Olho para ele como se indagasse o que se passa, mas ele mantém a mesma seriedade e, quando tento perceber se ele realmente está com os olhos vermelhos, coloca os óculos de sol.

Estará diferente porque acha que agora vou passar mais tempo com os meus pais?, questiono mentalmente à medida que entro no carro.

O carro inicia a marcha e seguimos até ao tal psicólogo, não deve ficar na cidade, uma vez que estamos a afastar-nos cada vez mais. Não é nada que me preocupe, o mais importante, é sentir que agora os meus pais estão realmente focados em lutar juntos por aquilo que é melhor para mim e para eles.

Ao fim do que parece uma hora de viagem, o carro aproxima-se de uns portões e para. Ouço o Afonso falar com o segurança, que após uma troca

de palavras nos deixa passar. O veículo reinicia a marcha e percorremos um longo caminho por entre um jardim enorme e cheio de flores, com um edifício grande ao fundo que mais parece uma mansão. Toda aquela vastidão é limitada por um muro contínuo e extremamente alto. Voltamos a parar, agora em frente às escadas que dão para a entrada do edifício. Quando o Afonso abre a porta, avisto um homem de bata e engravatado à nossa espera. Ele não é velho, mas aparenta alguma experiência. A sua barba serrada começa a ser grisalha, tal como o seu cabelo.

— Bom dia, senhor Albuquerque! É um prazer enorme recebê-los na minha clínica! — cumprimenta o tal homem, esticando a mão ao meu pai.

A minha primeira impressão daquele homem não é muito positiva. O seu sorriso é rasgado e demasiado forçado. Sempre que fala connosco usa um vocabulário demasiado formal e várias vezes se dobra para a frente como se nos fizesse vénias. Por momentos, sinto que nos trata como membros da família real.

Subimos as largas escadas impecavelmente limpas e entramos no edifício, sempre guiados por aquele homem. Paro na entrada, um grande cartaz vertical chama a minha atenção.

— Pai, acho que viemos parar ao sítio errado. — Agarro subtilmente o seu braço.

— Elena, agora não é o momento. Vamos até ao gabinete do doutor Tiago conversar com calma.

Enquanto os meus pais enveredam por um corredor comprido atrás daquele desconhecido, fico parada no *hall* da entrada. A minha mãe chama por mim, respiro fundo e, de cabeça baixa, caminho até à beira deles. Enquanto compreendo o real significado das palavras do meu pai naquele dia no escritório, recordo mentalmente a mensagem que estava a negrito no cartaz da entrada:

Todos nascemos
Heterossexuais

Não Existe
Homossexualidade



21/04/23